

Enunciação, percepção e experimentações estéticas na constituição do sujeito cronista

Enunciation, perception and aesthetic experimentations in the constitution of the chronicler

Luiz Antônio Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
luiz.antonio.ribeiro32@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-8912-9764>

Cláudia Mara de Souza

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
claudiaitab@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-3383-9534>

Aurélio Takao Vieira Kubo

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
aureliokubo@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-4100-8143>

Resumo: Este artigo visa a investigar como se instaura a (inter)subjetividade em crônicas literárias produzidas pelos alunos do primeiro ano do ensino integrado de uma escola da rede federal de ensino a partir de um projeto de engenharia didática. Nossa hipótese é que a constituição do autor cronista resulta do diálogo estabelecido na constituição da tríade sujeito-espaço-tempo, assim como das experimentações estéticas, que refletem a interdependência entre o organismo e o ambiente. Os itens lexicais manifestados na produção escrita sinalizam as emoções e o processo de humanização do sujeito autor. O referencial didático se fundamenta na teoria da enunciação de Émile Benveniste (1989, 1995), na teoria da percepção de Merleau-Ponty (1971), nas reflexões de Antonio Candido (1992) acerca da crônica literária e no aporte teórico de Dolz (2016) sobre a Engenharia Didática, entre outros.

Palavras-chaves: Enunciação; Fenomenologia da percepção; Crônica literária; Engenharia didática.

Abstract: *This paper aims to investigate how to establish (inter) subjectivity in chronicles produced by students of the first grade of the integrated teaching of a school of the federal network of education from a didactic engineering project. The hypothesis is that the chronicler's constitution results from the dialogue established in the constitution of the subject-space-time triad as well as the aesthetic experiments that reflect the interdependence between the organism and the environment. The lexical items manifested in the written production signal the emotions and the process of humanization of the author subject. The didactic framework is based on Emile Benveniste's theory of enunciation (1989, 1995), Merleau-Ponty's theory of perception (1971), Antonio Candido's (1992) thought on the literary chronicle and on the theoretical contribution of Dolz (2016) on Didactic Engineering, among others.*

Keywords: *Enunciation; Phenomenology of perception; Literary chronicle; Didactic engineering.*

Enunciação, percepção, experimentações estéticas e (inter)subjetividade.

Nesta seção, buscamos estabelecer pontos de contato entre a Teoria da Enunciação, conforme Benveniste (1989, 1995) e a Fenomenologia da Percepção, de Merleau-Ponty (1971), como uma forma de compreender como se dá o processo de constituição do sujeito. Buscamos destacar a inter-relação entre essas duas perspectivas teóricas, considerando que a linguagem e a (inter)subjetividade se manifestam/desenvolvem a partir da ação do indivíduo no e com o ambiente. Por fim, finalizaremos essa discussão ressaltando a importância das experimentações estéticas e da sinestesia na constituição do sujeito cronista.

Primeiramente, trazemos à baila a compreensão de enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). A consciência do sujeito se revela na e pela linguagem, conforme observa linguista: “É ego que diz ego” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Ganha expressão, nesse aspecto, a noção de subjetividade benvenistiana, para quem o sujeito simultaneamente produz a linguagem e nela se constitui, entretecendo-se em sua trama.

Já para Merleau-Ponty (1971) coisa e mundo constituem parte de um corpo subjetivo. A experiência do corpo próprio oportuniza que o sujeito vivencie e tome consciência de sua própria subjetividade, como aponta Merleau-Ponty (1971, p. 209): “Sou pois meu corpo”. A teoria do corpo postula uma teoria da percepção, sendo que há uma intrínseca inter-relação entre o mundo externo e o mundo interior: a percepção exterior reflete certa percepção do próprio corpo, assim como toda percepção de um corpo subjetivo é o reflexo de uma percepção exterior.

É importante destacar, com Benveniste, que a consciência do “eu” só se concretiza em contraposição a uma segunda pessoa, o “tu”, a quem se dirige: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu.” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Emerge dessa condição de alteridade o conceito de intersubjetividade: “[...] a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 1995, p. 293).

Essa perspectiva coaduna com o pensamento de Merleau-Ponty (1971, p. 355), para quem a consciência perceptiva de que somos um “ser-no-mundo” leva-nos à percepção do outro e da pluralidade de consciências.

Há aí um ser a dois, e o outro, aqui, não é mais para mim um simples comportamento no

campo transcendental, nem aliás eu no seu, somos um para o outro colaboradores numa reciprocidade perfeita, nossas perspectivas deslizam uma na outra, coexistimos através de um mesmo mundo. (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 358).

Essa transcendência faz com que a subjetividade se constitua e se manifeste a partir da intersubjetividade, conforme aponta o filósofo: “a subjetividade transcendental é uma subjetividade revelada, saber para si mesma e para o outro, e desta forma é uma intersubjetividade.” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 365). É desse processo de interação intersubjetiva que o sentido emerge, visto que o corpo subjetivo percebe no outro uma expansão de suas próprias intenções. Assim sendo, só é possível pensar a enunciação no contexto da intersubjetividade.

As noções de tempo e espaço são cruciais para a compreensão da enunciação e da fenomenologia da percepção. Benveniste (1995) destaca que o centro gerador e axial do tempo linguístico é o presente da instância da fala, sendo que a única forma para viver o ‘agora’ é sua concretização por meio da inserção do discurso no mundo. Da enunciação, instaura-se a categoria do presente, que está na origem da categoria de tempo. Dessa forma o presente da enunciação seria a possibilidade da própria expressão, da referenciação dos tempos, inclusive do presente. Para a Fenomenologia da Percepção, a subjetividade deve ser compreendida como um “campo de presença” ou ainda como “uma rede de intencionalidades” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 419-420). A análise do tempo nos conduz à subjetividade, uma vez que vivenciamos e refletimos sobre nossas próprias experiências, delimitando-as segundo o antes e o depois, em conformidade com uma necessidade interior. No presente, o corpo subjetivo se torna uno com sua consciência. Há, portanto, uma simbiose entre o sujeito e o tempo, expressa em um só impulso, o que nos leva a “compreender o tempo como sujeito e o sujeito como tempo” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 425).

Quanto à noção de espaço, a Teoria da Enunciação considera que toda e qualquer enunciação se dá sempre no “aqui/agora”, espaço da realidade do locutor. Sua característica central é que ele se define e se organiza em função do discurso. O espaço linguístico, o “aqui” discursivo, é o lugar de onde alguém fala e se atualiza em cada ato enunciativo, configurando-se sempre como novo e original. Nesse mesmo viés, a Fenomenologia da Percepção compreende o espaço não como um lugar físico, onde os objetos são ordenados, mas como um espaço de vivências. O mundo é descrito como um lugar de ações possíveis, espaço de percepção e de situação, habitado e experienciado pelo sujeito. Nessa concepção, o sujeito é compreendido como aquele que constrói ou constitui o mundo, sendo o espaço uma estrutura vivida: “Ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la passivamente em si: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente.” (MERLEAU-PONTY, 1971,

p. 264). Redimensiona-se, com isso, o “aqui” vivenciado pelo corpo, que não se aplica a um aspecto do mundo exterior. Também os advérbios correlatos que indicam espacialização como “sobre”, “sob”, “ao lado de” colocam em evidência o sujeito corporal, o espaço inteligível e o sentido pulsante das experiências. É habitando o espaço e o tempo que as percepções e ações do sujeito ganham novo sentido imputado pela corporeidade.

Assim, nesta pesquisa, tomando como fundamento as teorias apresentadas, estamos assumindo que a (inter)subjetividade resulta da ação da linguagem e dos processos corporais, ambos constituídos em um tempo presente e em um espaço de ação. A ação do sujeito sobre a língua e sobre o mundo implica a constituição do “eu”, do “corpo subjetivo”. Implica também uma construção intersubjetiva, fundamentada na relação dialógica e perceptiva entre os sujeitos “eu-tu”, que se encontram situados em um tempo e espaço interativos, determinados pelo “aqui-agora”.

Linguagem e corpo constituem a síntese do encontro sujeito-mundo e sua textura compreendem um conhecimento sensível sobre si próprio e o mundo situado, decorrente da experiência sinestésica. Por sinestesia, compreende-se a mesclagem de diferentes sensações provocadas por um único estímulo. Merleau-Ponty (1971, p. 235) empresta de Werner o pensamento de que “[...] o sujeito não nos diz somente que há ao mesmo tempo um som e uma cor: é o próprio som que ele vê no ponto onde se formam as cores”. Em seguida, argumenta que “a visão dos sons ou a audição das cores existem como fenômenos” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 235), evidenciando, dessa forma, a comunicação entre os sentidos. A integração de diferentes experiências intersensoriais estimula a intervenção expressiva do corpo, a percepção e os sentidos, aguça a sensibilidade estética, a capacidade de linguagem e a construção de novas significações, favorece a construção do conhecimento, bem como motiva o sujeito para novas interações com o outro e com o mundo.

As experimentações estéticas favorecem o desenvolvimento da humanização e o exercício criativo da linguagem, ingredientes fundamentais na constituição da crônica literária. Em “A vida ao rés-do-chão”, o crítico Antonio Candido apresenta uma descrição geral das crônicas a partir de um traço comum nelas presente:

[...] deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade no tratamento de problemas. É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. (CANDIDO, 1992, p. 36)

O sujeito percipiente, devidamente integrado em seu tempo e espaço, por meio do espírito

sensível, reflexivo e imaginativo, vivencia os acontecimentos mais breves e circunstanciais e os transforma em linguagem. A linguagem da crônica repousa sobre o prosaico. De forma aparentemente despreziosa, porém impregnada de reflexão e lirismo, o cronista narra as suas experiências, por meio das quais ele vai se constituindo enquanto sujeito. O universo de suas emoções transcende a sua individualidade, visto que toda linguagem postula a existência de outro sujeito, com o qual passa a interagir. A crônica se consagra, desse modo, como um espaço privilegiado de encontro de vivências e emoções.

Por meio da crônica, o sujeito deixa emanar o lirismo, os estados de alma, sublimados a partir de suas experiências. Estas não refletem apenas um conjunto de vivências sedimentadas ao longo do tempo, mas a ação de experienciar, no tempo presente, conseqüente de um olhar aguçado sobre o factual, o cotidiano da cidade. Entretanto seu objetivo transcende a mera representação do real, já que a crônica “Não se limita a descrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados.” (SÁ, 2005, p. 48).

Em “O olho e o espírito”, Merleau-Ponty (1975, p. 278) considera que “Só se vê aquilo que se olha”. A beleza esconde-se por detrás das aparências e do automatismo. Para desvelá-la, o cronista deve afastar-se da superficialidade e do imediatismo, buscando captar os sons, os odores, as cores, a singularidade de cada espaço, os sentimentos secretos de cada passante em meio à multidão. A percepção do espaço faz parte do processo de constituição do sujeito, tal como afirma o filósofo: “O mundo visível e o mundo dos meus projetos motores são partes totais do mesmo Ser”. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 278). Com sua sensibilidade, o sujeito percipiente experiencia o mundo a partir de seu universo interior - suas memórias, sua vocação, seu universo místico, suas paixões e seus conflitos – a partir do qual novas descobertas acontecem e novas realidades vão sendo construídas. Essa experiência aponta para uma nova concepção de viver o tempo e o espaço – o aqui e o agora – como um ser encarnado, visceralmente constituído em nós.

Gêneros textuais e ensino sob a ótica da engenharia didática

Esta pesquisa se insere na proposta desenvolvida pelo Interacionismo Sócio-Discursivo – ISD, uma corrente epistemológica, cujo objetivo central consiste em “analisar as práticas de linguagem, na constituição e no desenvolvimento das capacidades epistêmicas (ordem dos saberes) e praxeológicas (ordem do agir) dos seres humanos” (BRONCKART, 2006, p. 4). Nessa vertente são considerados

tanto os processos cognitivos, intrapsicológicos, quanto os processos sociais, interpsicológicos. Conforme assevera esse pesquisador, o recorte teórico das pesquisas realizadas pelo ISD não se restringe ao campo da linguística, mas abrange também contribuições relativas ao campo das ciências humanas e sociais, em especial da psicologia e da sociologia (BRONCKART, 2006, p. 1). Além de pesquisar questões de natureza epistemológica que englobam as produções verbais humanas, o ISD busca desenvolver instrumental de análise linguística de tais produções, bem como projetos escolares e dispositivos didáticos voltados para o ensino e aprendizagem de língua.

Bronckart (1999, p. 37) recupera os estudos bakhtinianos sobre gêneros do discurso, ao afirmar que os textos se configuram em gêneros, apresentam características relativamente estáveis e mantêm-se disponíveis no intertexto como modelos indexados à disposição dos usuários. Bakhtin assim define gênero do discurso:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Subjaz a essa definição o caráter dialógico dos gêneros, observadas sob esse viés as condições específicas da comunicação, que resultarão na constituição dos enunciados. Ressalta-se também o aspecto sócio-histórico dos gêneros, dada a normatividade e a relativa estabilidade que caracterizam as interações verbais.

Como práticas sociais de linguagem, os gêneros precisam ser ensinados para que sejam usados com proficiência nas diferentes situações sociocomunicativas. Schneuwly & Dolz (2004) consideram que as práticas de linguagem por meio dos gêneros devem ser incorporadas nas atividades escolares e destacam a importância de os professores inserirem atividades de leitura e produção de textos orais e escritos, que oportunizem aos alunos o domínio de diferentes gêneros textuais, tal como se dá o funcionamento destes nas práticas de linguagem de referência.

Dolz (2016) destaca a importância da Engenharia Didática como um campo particular do ensino de língua no contexto do sociointeracionismo discursivo. Para esse pesquisador, a Engenharia Didática “organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino” (DOLZ, 2016, p. 241). Seu objetivo central consiste em organizar as formas sociais das

práticas escolares, elaborar ferramentas de aprendizagens, orientar as intervenções e as práticas didáticas, além de promover pesquisas sobre as inovações implementadas. Sua proposta é crucial na concepção de projetos escolares e na elaboração de “dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual” (DOLZ, 2016, p. 241).

Segundo o pesquisador, são quatro as fases que constituem um projeto de Engenharia Didática: análise prévia do trabalho de concepção, voltada para conhecimento e compreensão do objeto de ensino, com destaque para fatores linguísticos e epistemológicos; concepção de um protótipo de dispositivo didático, com vistas a desenvolver um ferramental com atividades que permitam identificar o domínio de conhecimento e as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos; experimentação, implementação do dispositivo com foco nos ajustes das atividades relacionados a questões de ensino e aprendizagem; e análise *a posteriori*, que consiste em um processo de validação dos resultados alcançados, com destaque para os resultados positivos e as limitações do dispositivo implementado. A observância a essas fases é fundamental se quisermos que os alunos experienciem situações de comunicação as quais façam sentido para si e lhes permitam participar ativamente da construção do conhecimento.

As atividades languageiras desenvolvidas ao longo do processo serão mais eficientes se forem executadas por meio do desenvolvimento de sequências didáticas, que consistem de “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Subjaz a essa proposta uma concepção de aluno como sujeito ativo e reflexivo, bem como a de professor mediador da aprendizagem. Assim, ao longo do processo de construção do conhecimento, esses atores poderão refletir sobre as práticas educativas, redirecionando e ressignificando o trabalho pedagógico e a aprendizagem, bem como desenvolvendo referenciais teórico-metodológicos que poderão balizar novos projetos voltados para o desenvolvimento de (novas) capacidades de linguagem.

Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa pretendeu discutir a relação entre sujeito, corpo e experiência a partir das marcas linguísticas sinalizadas em crônicas literárias produzidas por alunos do primeiro ano do Ensino Integrado de uma escola da rede federal de ensino, destacando a importância de tais marcas para o processo de constituição da subjetividade do aluno-autor. Parte de um estudo mais globalizante, sua realização derivou das reflexões de uma equipe de professores integrantes da área de Linguagens e

Códigos a respeito da organização e implementação de um projeto de engenharia didática de leitura e produção do gênero textual crônica desenvolvido em conformidade com as orientações da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. A organização e implementação do projeto foi de fundamental importância, no sentido de oportunizar aos alunos o tratamento do conteúdo formal e temático a partir de suas experiências e contato direto com o objeto de conhecimento. Para tal, partiu-se dos seguintes questionamentos: Como se evidencia a relação entre sujeito, corpo e experiência nas crônicas literárias produzidas por alunos do Ensino Médio Integrado de uma escola pertencente à rede federal de ensino? Quais são as marcas linguístico-enunciativas que sinalizam a (inter)subjetividade e a constituição do sujeito-autor?

A hipótese aventada foi a de que a constituição do sujeito-autor cronista ocorre a partir do diálogo estabelecido na inter-relação entre os sujeitos “eu” e “tu”, no “aqui” e no “agora” enunciativos, bem como das suas experimentações estéticas, resultantes da interdependência entre o organismo e o ambiente. Objetivou-se investigar a emergência da (inter)subjetividade em crônicas literárias a partir de marcas linguístico-discursivas manifestadas nos textos produzidos. Por questões de espaço, este artigo apresenta a análise qualitativa de um dos textos produzidos. Tal análise é um recorte de uma pesquisa mais abrangente, cujo *corpus* consistiu de 128 (cento e vinte e oito) crônicas produzidas pelos alunos em um ambiente de escrita colaborativa – o *Google Drive*. Esse ambiente oportunizou a interação entre os alunos, bem como entre estes e os professores, de modo a favorecer diferentes leituras, propostas de intervenção e o processo de reescrita.

Esta pesquisa se justifica, pois a produção escrita nos revela muito de seu autor e de sua experiência com a linguagem, considerando-se que a apropriação da língua por meio de índices linguísticos específicos deixa entrever a entrada do sujeito no discurso e a vivência de experiências estéticas que vão culminar com o processo de constituição da sua subjetividade.

Apresentação dos dados

Diante do desafio de apresentar uma proposta de ensino que oportunizasse aos alunos do primeiro ano do Ensino Integrado o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita do gênero textual crônica, uma equipe de professores de uma escola da rede federal de ensino situada na cidade de Timóteo-MG engajou-se na idealização e no desenvolvimento de um projeto de engenharia didática a partir da proposta apresentada pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, cujo tema era “O lugar onde vivo”. Considerou-se, para esse fim, a importância de se trabalhar a

espacialidade do corpo subjetivo, o modo como o corpo em movimento se relaciona com o binômio tempo-espço, assumindo-o ativamente e se integrando nele e com ele. Buscava-se, assim, uma forma de engajar os discentes em atividades voltadas para a experiência estética, o despertar da sensibilização, a constituição da subjetividade e o desenvolvimento da cidadania. O cumprimento das tarefas requeria dos alunos envolvimento e participação ativa. O projeto desenvolvido nessa perspectiva alinha-se aos objetivos da Olimpíada, considerando-se que

“O lugar onde vivo” foi o mote comum para orientar todas as produções dos alunos. Assim, os versos, as lembranças de adultos da comunidade, o olhar inusitado sobre o cotidiano e o posicionamento pessoal diante de polêmicas funcionaram como pretextos para que os jovens autores expressassem em palavras – que doravante tornaram-se suas – o seu sentimento do mundo, como diria Drummond. (RANGEL, 2011, p. 6).

A proposta foi desenvolvida em observância às quatro etapas previstas para um projeto de engenharia didática, conforme Dolz (2016) ora apresentadas. Por questões de espaço, não vamos delinear aqui as atividades propostas e implementadas em cada uma das etapas do projeto. O presente artigo resulta de uma análise qualitativa, por meio da qual busca-se evidenciar as categorias de sujeito, tempo e espaço instauradoras do sujeito em seu discurso, bem como descrições que certificam as experiências estéticas vivenciadas por meio dos estímulos captados pelos sentidos e a importância destas para a construção da subjetividade.

Análise e discussão dos dados

Essa discussão tem como ponto de partida a hipótese levantada nesta pesquisa, que tem como cerne a enunciação, a percepção e a vivência das experimentações estéticas, como base para a constituição do sujeito-autor e a emergência da (inter)subjetividade. Primeiramente, analisaremos a produção de um aluno cujo nome apresenta as iniciais GHR e em cujo texto se evidencia a emergência da (inter)subjetividade segundo as descrições trabalhadas pelos autores pesquisados. Em seguida, analisaremos outro texto, dessa vez produzido por um aluno com nome de iniciais MFAS. Nesse texto, o locutor, ao experimentar uma cena de atropelamento, reelabora as suas percepções sobre questões de vida e morte. Também em virtude de espaço, não apresentaremos os textos analisados em sua íntegra.

A emergência da (inter)subjetividade

Do ponto de vista enunciativo, observa-se a emergência da inter(subjetividade) quando o sujeito identificado como Gi apropria-se da língua por meio da escrita, em um “aqui” e “agora” específicos, e anuncia o título do seu texto, promovendo sua inserção no discurso: “A simplicidade do olhar”. A entrada no discurso evidencia o caráter singular e irrepetível da enunciação, já que tal movimento nunca será mais o mesmo, considerando-se que a produção de tal enunciado por esse mesmo locutor ou por outro, em um tempo e espaço diferentes, consistirá sempre de uma nova enunciação.

Essa enunciação faz ecoar a emergência da subjetividade decorrente do uso da língua e das vivências estéticas do locutor/enunciador. Por meio de suas experimentações, o sujeito vai construindo as imagens que um olhar atento e subjetivo lhe permite desenhar:

Aprendi que final de semana tem que ser com a família. São aqueles dias para fazer as coisas juntos, com o intuito de recompensar a falta de tempo com as pessoas que sempre estão ao nosso lado. Em um desses finais de semana, fomos visitar a vó de meu pai, que havia voltado do hospital. “Não sabemos quanto tempo ainda temos com ela”, meu pai diz. O que de fato, é verdade. Hoje ela está com seus 97 anos e desde que a conheço, ela tem a mesma aparência. (GHR, 2016)

No trecho em destaque, o sujeito-autor se faz enunciar pelo uso do verbo “aprendi”, cuja desinência determina a primeira pessoa do singular e indicia a marca de subjetividade no texto/discurso. O mesmo ocorre com a elocução do verbo “conheço”, cuja desinência número-pessoal assinala a presença do sujeito no discurso. Conforme Benveniste (1995), esse índice de pessoalidade é uma categoria vazia, que será preenchida por aquele que diz “eu” em seu discurso. Outros índices lexicais que revelam a categoria de pessoa encontram-se registrados no texto, entre os quais se destacam os pronomes:

- a) pessoais do caso reto: “Dessa vez **eu** não pedi para ir embora.”. (grifo nosso).
- b) pessoais do caso oblíquo: “Nós quatro **nos** olhamos”. (grifo nosso). Benveniste (1995) observa que o uso da primeira pessoa do plural (nós, nos) pode ser inclusivo (união de um eu, pessoa subjetiva, a um tu/vós, pessoa não subjetiva) ou exclusivo (eu, pessoa + ele(s), não pessoa).
- c) possessivos: “A cena que materializei em **minha** mente...” (grifo nosso).

A instauração do discurso será consubstanciada por certa intencionalidade comunicativa, cujo alvo é sempre o outro com quem se deseja estabelecer uma troca dialógica. Assim é que a enunciação de “eu” sempre evocará a presença de um “tu”, em uma manifestação intersubjetiva, podendo tal

manifestação apresentar-se de forma explícita ou mesmo implícita no discurso. No texto em análise, a evocação ao leitor evidencia-se por meio de marcas específicas, seja por meio do uso de pronome de tratamento, seja por meio de um marcador conversacional, conforme atestam as seguintes elocuições: “Sempre vai ter uma hora que você vai se lembrar, talvez porque essas sejam as mais puras e inocentes.” e “...mas sabe como é criança, né?!” (grifos nossos). É interessante observar que o pronome “você” não necessariamente especifica um sujeito determinado com quem se fala, mas um sujeito genérico, fruto das concepções do sujeito-autor sobre o provável destinatário de sua elocução. Assim sendo, esse sujeito interlocutor não está fora de si, mas constitui com ele um único par dialógico estabelecido na relação “eu-tu”. O diálogo com o outro nos faz compreender, com Merleau-Ponty (1971), que o corpo subjetivo não pensa o outro, mas tão somente existe com ele em um projeto comum.

Outras vozes são incorporadas à enunciação pela locutora, que as introduz por meio de diferentes recursos linguajeiros. Assim temos:

a) **discurso direto:**

“ — Bêncã, vó Manzica. — Meu pai, repete várias vezes, para que ela conseguisse ouvir.”

[...]

— Deus te abençoe meu filho. — Ela responde ao reconhecê-lo.”

Algumas vezes, essas vozes são apresentadas por meio de verbo ou nome *dicendi*, conforme indiciam os seguintes enunciados: “Não sabemos quanto tempo ainda temos com ela”, meu pai **diz.**” (grifo nosso) e “então eu tentava da forma mais discreta possível chamar meu pai para ir embora e a **resposta** era sempre a mesma: ‘Daqui a pouco vamos, Gi’.” (grifo nosso)

As vozes introduzidas por meio do discurso direto são reproduzidas como forma de dar relevo a características da fala e da personalidade dos sujeitos referenciados no discurso.

b) **discurso indireto:** “Agora com um semblante totalmente diferente, com um sorriso no rosto e um brilho no olhar, ela pergunta como estamos.” Observe-se, nesse enunciado, que o registro da fala da bisavó não só deixa desvelar as emoções da locutora por meio da descrição que ela apresenta, como também é uma forma de influenciar o seu interlocutor com os mesmos sentimentos e sensações.

Esse processo de incorporação de outras vozes no interior de uma voz – ou instância de

enunciação – mais globalizante é o que compreendemos aqui como polifonia. Cada uma dessas vozes tem o seu domínio de referência e é instaurada em um tempo e espaço específico. Articuladas no discurso da locutora, elas se mesclam e constituem com este uma única rede de sistemas enunciativos. Não representam, nesse sentido, vozes isoladas e dispersas; ao contrário, fruto de uma alteridade, elas configuram um discurso único, que reflete a nossa expressão no mundo, a constituição clara de nossas emoções e intenções.

A subjetividade também se constitui a partir das experimentações sensoriais vivenciadas pelo sujeito, conforme se pode depreender das seguintes passagens do texto:

a) “A porta estava encostada e ao abri-la encontramos um cômodo pequeno. Porém, muito bem arrumadinho, **cheirando a limpeza**, com duas camas: uma no lado direito e a outra no esquerdo, com um criado bem no meio e em cima deste uma janela que estava fechada, deixando o ambiente **escuro.**” (grifos nossos).

b) “Agora com um semblante totalmente diferente, com **um sorriso gostoso no rosto, a voz macia e um brilho no olhar**, ela pergunta como estamos.” (grifos nossos).

A percepção do quarto e do semblante da avó manifesta-se por meio de associações sensoriais – tato, olfato, visão e paladar - que refletem um complexo de emoções vivenciadas pela locutora a partir daquilo que ela observa. É importante ressaltar que a realidade exterior percebida por meio de sentidos, na verdade, é parte integrante do sujeito e constitui a sua natureza psicológica e existencial.

A língua ordena o tempo a partir de um eixo, e esse, para Benveniste (1995) é sempre e somente a instância do discurso. A noção de tempo linguístico aponta para o tempo presente – o agora enunciativo – que nos possibilita, durante o ato de linguagem, integrar a referência de todos os tempos cronológicos, inclusive o presente. Assim, diferentes tempos verbais são referenciados pelo locutor, a partir desse “agora” discursivo, conforme podemos observar pelos seguintes enunciados:

- a) Presente: “Hoje ela **está** com seus 97 anos e desde que a **conheço**, ela **tem** a mesma aparência.” (grifos nossos)
- b) Pretérito: “...já **passava** das 3 horas da tarde quando **chegamos** na casa de minha bisá”. (grifos nossos)
- c) Pretérito presentificado: “Diante daquele momento tão simples me **emociono, penso** como o nosso tempo em vida é curto...” (grifos nossos)

- d) Futuro do presente: “Sem dúvida **lembrarei** desse dia pelo resto de minha vida.” (grifo nosso)
- e) Condicional: “Ainda que **tentasse** imaginar aquela cena, não **conseguiria**”. (grifos nossos)

O tempo também será referenciado a partir do uso de advérbios, locuções, expressões e orações adverbiais, conforme atesta o seguinte exemplo: “Era sábado, véspera de dia das mães e já passava das 3 horas da tarde quando chegamos na casa de minha bisavó.”

Merleau-Ponty (1971) observa que o tempo surge a partir da relação do sujeito com o mundo. Daí que “O que é passado ou futuro para mim é presente no mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 415). O tempo se apresenta para nós em ação, por meio de nossas percepções, memórias e vivências, conforme podemos observar pelos seguintes enunciados da crônica em tela:

- a) “É incrível como as lembranças que guardamos quando crianças sempre ficam em nossa mente...”
- b) “Guardo muitas lembranças de minha bisavó, lembro-me de ir visitá-la e ela estar sentada no sofá da sala tricotando tapetes.”

Tais exemplos nos permitem observar, com Merleau-Ponty (1971, p. 416), que “... uma percepção conservada é uma percepção, ela continua a existir, está sempre no presente...”. O tempo presente pode inclusive ter efeito restaurador de emoções não vividas em sua plenitude, conforme sinaliza a fala da locutora: “Dessa vez eu não pedi para ir embora, quis ficar o máximo de tempo ali com ela. Se eu pudesse recuperar o tempo perdido, com certeza teria aproveitado melhor.”. Desse modo a percepção do tempo passado ou futuro se processará sempre a partir do presente, de acordo com a perspectiva ou intencionalidade do sujeito no curso de suas experiências.

Assim como o tempo, cumpre-nos destacar com Benveniste (1995) a importância do espaço enunciativo - o “aqui” discursivo - como fator integrador da referência. Também Merleau-Ponty (1971) destaca a intrínseca relação entre o sujeito e o espaço, que neste se integra por meio de sua percepção, experiência e sensibilidade. Ressalte-se que, para o filósofo, o espaço não está fora do ser, antes integra-o, caracterizando-se, portanto, como um espaço existencial, uma imagem do ser. É nesse sentido que o locutor da crônica analisada articula em seu “aqui” discursivo os diferentes espaços que constituem a sua memória: “Era sábado, véspera de dia das mães e já passava das 3 horas da tarde quando chegamos na casa de minha bisavó. Ao passar pela estreita porta de entrada que conheço e visito há 16 anos, sinto-me com os meus 8.”

Observe-se que o tempo/espaço referenciado no discurso é o da percepção, confirmando-se,

dessa forma, o que assevera Merleau-Ponty (1971, p. 426): “[...] a percepção espacial [...] só se compreende no interior de um campo perceptivo [...]”. Há uma compressão do tempo/espaço por parte do sujeito, cujas experiências e memórias concentram-se no seu aqui-agora como algo fluido e latente.

O enredo da crônica analisada reflete as vivências de uma locutora que, na e pela linguagem, vai se constituindo enquanto sujeito no aqui-agora discursivo: Gi, uma garota de dezesseis anos, marcada por fortes vínculos familiares e grande afeição pela bisavó. Na tessitura de suas memórias, ela mantém o predomínio da voz, mas mobiliza em seu discurso outras vozes, como a do pai e a da bisavó, por exemplo, criando, desse modo, uma rede polifônica. A experiência da alteridade se manifesta a partir da mobilização de diferentes vozes e ainda pela interpelação ao leitor, que se constitui como seu alocutário e partilha das vivências da locutora numa atitude responsiva. Essa possibilidade de vivenciar as experiências do outro mediadas pelo discurso configurará a relação de intersubjetividade, já que esta implica uma experiência perceptiva comum. Integradas em um único espaço de referência, essas vozes constituem um só corpo subjetivo, configurado em um tempo-espaço discursivo singular, o que transforma essa experiência em um evento enunciativo único.

A relação dialógica possibilita que locutor e alocutário participem juntos da construção da referência, que remonta às memórias da adolescente e sua relação afetiva com a família, em especial, com a bisavó Manzica. Observe-se que a referência desencadeia o reavivamento das emoções, uma experiência estética, que, segundo Merleau-Ponty (1971), impulsiona a vivência e participação do sujeito em um universo sensível que o convida não a interpretá-lo, mas a senti-lo. Na crônica em tela, essa experiência sensível revela-se por meio de palavras e expressões sintagmáticas como “lembranças”, “nossos medos”, “nossas alegrias”, “minha nostalgia”, “minha comoção”, “momentos difíceis e felizes” e “a cena que materializei em minha mente”. Juntam-se a essas outras que evocam sensações, tais como “arrependo-me amargamente” e “ambiente escuro”, bem como outras que evocam afetividade, tais como “evidente o afeto e carinho”, “pedindo-lhe a benção dou-lhe um beijo no rosto” e “nossos olhos se encheram de lágrimas”. Tais palavras e expressões constituem o cerne da referência, aqui sintetizada pelas memórias de uma adolescente sobre sua bisavó. O processo de discursivização assim constituído faz emergir a percepção de nós mesmos, do outro e do mundo que nos cerca, além de promover a abertura para a alteridade e novas experiências estéticas e humanizadoras. Tais requisitos são primordiais para a constituição do sujeito cronista.

5.2 Sujeito e experimentações estéticas

Uma vez demonstrado como se processa a emergência da (inter)subjetividade, observaremos, a seguir, como o sujeito vivencia as experiências esteticamente na medida em que se constitui como tal. Começemos por destacar que a experiência estética é essencialmente perceptiva, pois compreende a relação entre o sujeito e o objeto ou situação experienciada. Em “Razões e emoções”, texto produzido por MFAS, o locutor descreve algumas impressões sensoriais, conforme expressam os enunciados: “Acordo repentinamente e sinto o suor se espalhar por minha face.” e “Mas ao abrir a porta me deparo com um belo dia, onde o sol está tão aconchegante ao tocar minha pele que parece até estar me abraçando.” A experiência sinestésica, que envolve pelo menos dois órgãos do sentido – visão e tato –, revela uma forma de o sujeito sentir a si mesmo e ao universo exterior. Itens e expressões lexicais como “sinto”, “aconchegante”, “tocar minha pele” “abraçando” apontam para essa intrínseca relação entre sujeito-corpo-mundo.

O sujeito toma consciência de si a partir de sua facticidade, ou seja, de seu agir no e sobre o mundo, onde ocorre a relação com o outro, com o tempo e com o espaço. A interação com o outro opera numa relação de intercomplementaridade, ou seja, no diálogo, na busca pelo outro, na troca de afetos: “- Haha, muito engraçado mamãe, mas não é nenhuma das duas alternativas – digo indo até ela e lhe dou um abraço e um beijo apertado...” A experiência estética recobre-se de uma dimensão ontológica, visto que ela resulta da alteridade e da transcendência, que possibilita ao sujeito descobrir-se no e para o outro, viver as suas afetividades e emoções, bem como expandir o seu universo existencial.

A percepção de si mistura-se à percepção de experiências vividas ao longo da existência: “Percebo que pela primeira vez em tempos, eu acordei antes do meu despertador tocar, bem antes aliás.” Para Merleau-Ponty (1971), o tempo é uma experiência mundana, subjetiva e inseparável do sujeito. Essa experiência não se revela como uma sucessão de acontecimentos, mas como uma rede de intencionalidades. No enunciado em destaque, por exemplo, a reflexão sobre o tempo reflete uma introspecção do sujeito, que o leva, inclusive, à perplexidade relativa ao ocorrido: “bem antes aliás”.

A experiência espacial proporciona ao sujeito a vivência de situações inusitadas, que abalam sua estrutura emocional: “Mas antes que eu pudesse chegar ao ponto, uma pequena multidão em volta de uma ambulância chama minha atenção. Um acidente. (...) É aí que vejo uma moça jovem, cheia de sangue e sem batimentos cardíacos. Engulo em seco. (...) então marchei para o ponto com aquela visão impregnada na memória.” A percepção resulta de uma experiência que integra a consciência e o mundo. É interessante observar neste excerto a existência de dois tipos de espaços experienciados pelo sujeito. O primeiro é o espaço físico, configurado pelo ambiente próximo ao ponto do ônibus e

pela cena do acidente que lhe despertou a atenção. O segundo é o espaço das emoções que se afloram em decorrência da sua relação do sujeito com a cena vivenciada e a partir das quais ele vai reconfigurar a sua trajetória existencial. São ambos, espaços de interações do sujeito, visto que ele é uma unidade perceptiva viva, que age e que sente.

Merleau-Ponty (1971) compreende o sensível como condição de experiência, de encontro e comunhão do ser-corpo-mundo, construídos sempre na singularidade do presente actancial. As memórias pretéritas e as projeções futuras serão sempre vividas no presente das emoções, como podemos analisar a partir do seguintes enunciados: “... me lembrou por demais do seu Tião, um velhinho simpático do Asilo Lar da Divina Providência (...) ao qual eu visitei há exata uma semana atrás” e “Aquela visita realmente mexeu comigo. Voltei de lá tão mexida com a fragilidade dos seres humanos, tão incomodada com o valor da nossa vida e com tanto receio do que poderá ser meu futuro daqui uns anos...”.

Os verbos flexionados no passado, como “lembrou” e “visitei”, e no futuro, “poderá ser”, bem como as expressões adverbiais “Há exata uma semana atrás” e “daqui uns anos” são exemplos da dinâmica temporal articulada a partir do presente da enunciação. É importante destacar que o locutor não está apenas narrando fatos ocorridos ou possíveis, mas vivenciado-os a partir das suas emoções presentes. Itens e expressões lexicais como o modalizador “realmente”, o verbo “mexeu”, as expressões nominais “tão mexida” e “tão incomodada”, além da expressão adverbial “com tanto receio” externalizam a expressão dos sentimentos evocados pela memória do velhinho e pela perspectiva de futuro. Observe-se que, dessa forma, organismo e consciência não se constituem como causalidades distintas; ao contrário, revelam sempre um movimento pulsatório no mundo.

As relações dialógicas, as diferentes perspectivas em interação e confronto, bem como as experiências vividas são fundamentais para a fruição e a elaboração do sentido estético. Essa é a base para que o sujeito se constitua tanto em sua singularidade como também em sua complexidade, conforme observa o locutor do texto em análise: “Somos únicos não só em digital, mas em espírito. Um verdadeiro quebra-cabeça da complexidade. Você ainda está muito jovem, ainda há muito para ver, ouvir, sentir, viver.” Essa experiência perceptiva resulta da relação do corpo com e sobre o universo sensorial. Resignificada na e pela linguagem dialógica, ela possibilita ao sujeito constituir a si próprio e ao outro, bem como vivenciar a sensibilidade dos gestos e das relações em um movimento sempre transitório que configura a nossa realidade existencial. Essa consciência do “eu”, do ser subjetivo pode revelar-se como em uma epifania, assim como ocorre com o locutor do texto em análise, que diante de suas reflexões ontológicas em busca de respostas para perguntas infinitas,

permite-se externalizar algumas sensações vividas: “Frio. Frio, frio, frio.”

Considerações finais

O presente artigo pretendeu discutir sobre a (inter)subjetividade e as experimentações estéticas na formação de sujeitos cronistas. Buscamos discorrer sobre a importância da percepção de nós mesmos, do outro, do tempo e do espaço em que vivemos para a formação do sujeito e sua humanização. Nos pressupostos teóricos, primeiramente refletimos sobre enunciação, percepção, corporeidade, experimentações estéticas e subjetividade. Em seguida, buscamos estabelecer a relação entre esse aporte teórico, o processo de humanização e a formação do sujeito cronista.

A abordagem prática consistiu da análise de uma crônica produzida por um aluno do ensino médio integrado em uma escola da rede federal de ensino, resultante de um projeto de engenharia didática desenvolvido e implementado por uma equipe de professores da área de Linguagens e Códigos. Buscamos compreender como se dá a constituição da (inter) subjetividade e a formação do sujeito autor a partir de itens e expressões lexicais que indiciam a presença do sujeito na língua e que revelam as suas experimentações estéticas e o processo de humanização. Os registros e depoimentos nos permitiram compreender como ocorre o nascimento de uma crônica, cujo processo criativo tem origem no corpo perceptivo e na relação dialógica.

O crítico literário Antonio Candido (1992, p. 13), ao comentar sobre o estatuto da crônica enquanto um gênero menor, observa que “Graças a Deus’, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.” Infere-se, dessa citação, a importância da crônica para o desenvolvimento de nossa sensibilidade e humanização. O desenvolvimento do projeto de engenharia didática tornou-se relevante, por oportunizar aos alunos o engajamento em práticas de leitura e escrita que lhes permitiram, mediante um olhar para si próprio, para o outro e para o seu universo constituinte, agir sobre o texto, construindo sentidos e vivenciando experiências estéticas e humanizadoras. Tais experiências são primordiais pois nos possibilitam promover a constituição de nossa subjetividade em um contexto globalizante, que envolve a fruição estética, a participação dialógica e a intersubjetividade.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 4ª ed. São Paulo: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. SP: educ, 1999.

BRONCKART, Jean Paul. Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. V. 4, n. 6, mar. 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero. Disponível em <https://goo.gl/P6MLzS>. Acesso em 25/11/2017.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Disponível em http://www.cultura.mg.gov.br/files/suplemento-literario/especial_cronicas.pdf. Acesso em 20/01/2017.

DOLZ, Joaquim. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *D.E.L.T.A.*, nº 32.1, 2016, p. 237-260. Disponível em goo.gl/pyFdB8. Acesso em 30/06/2016.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita:

apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S/A, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os Pensadores).

RANGEL, Ergon de Oliveira. A escrita que faz a diferença. In: RANGEL, Ergon de Oliveira (Org.). *Olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro: o que nos dizem os textos dos alunos?* São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, 2011.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: _____. *Gêneros Orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2004.

Submissão no site: agosto de 2018

Aceite: abril de 2020